

Pavilhão de Portugal

60.^a Exposição Internacional de Arte – La Biennale di Venezia
Mónica de Miranda, Sónia Vaz Borges e Vânia Gala
'Greenhouse'

Palazzo Franchetti, San Marco
20 abril – 24 novembro 2024



La Biennale di Venezia

60. Esposizione
Internazionale
d'Arte

Partecipazioni Nazionali

COMUNICADO DE IMPRENSA

GREENHOUSE, o projeto coletivo de Mónica de Miranda, Sónia Vaz Borges e Vânia Gala irá representar Portugal na 60.^a Exposição Internacional de Arte Bienal de Veneza, que vai decorrer entre 20 de abril e 24 de novembro de 2024, no Palazzo Franchetti.

Concebido por estas três artistas-curadoras, o projeto pressupõe a criação de um jardim crioulo, uma referência às hortas criadas por pessoas escravizadas como ato de resistência e sobrevivência – uma antítese à plantação monocultural. O “jardim crioulo”, a partir da plantação diversificada, promove um espaço discursivo de libertação e múltiplas possibilidades. O projeto criado por estas artistas com base nas suas diferentes formações – artes visuais, história e coreografia – cria uma filosofia de participação, colaboração e solidariedade interdisciplinar.

A partir da relação entre as ideias de ecologia, decolonização, diáspora e migração, as artistas vão criar um jardim de plantas provenientes de países africanos, que crescerá no salão principal do palácio durante todo o período da exposição. O projeto propõe o solo como vetor de expressão decolonial e ecológico, capaz de sustentar o crescimento e também arquivar vestígios da violência histórica, conectando assim passado, presente e futuro e refletindo ao mesmo tempo as políticas da terra, do corpo, da história e da identidade.

O jardim acolherá uma instalação sonora, esculturas, dança/performance, workshops, leituras e eventos participativos. Em conjunto, estas componentes criarão um espaço transdisciplinar de experimentação, encontro e possibilidades coletivas. O projeto '**Greenhouse**' define-se a partir de quatro ações: **Jardim** (Instalação, Espaço, Tempo); **Arquivo Vivo** (Som, Movimento, Performance); **Escola** (Educação, História, Revolução); **Assembleias** (Público, Comunidades e Publicação).

'**Greenhouse**' assinala a comemoração do centenário do nascimento do líder guineense e agrónomo Amílcar Cabral - figura anticolonial crucial para as independências africanas; e o 50º aniversário da Revolução de 25 de abril. Enfatizando as histórias e as identidades compostas que emergiram do colonialismo e das lutas de libertação, '**Greenhouse**' propõe ações de solidariedade radical e decolonial, desafiando normas monoculturais de nação, conhecimento, e cultura.

O projeto desafia convenções hierárquicas, incentivando modos fluidos de produção artística baseados na interação entre teoria e prática, artista e curador. **Greenhouse**, propõe transformar o espaço expositivo num lugar de ação e diálogo, contrapondo a experiência estática propõe-se a criação de um “arquivo vivo”. O jardim será ativado ao longo do período expositivo, transformando-se num lugar de ação coletiva e de cuidado, de múltiplas possibilidades e de pedagogia.

O Pavilhão de Portugal, concebido pela primeira vez por três mulheres, propõe a emergência de diversas coreografias a partir de encontros e colaborações entre o público, comunidades e artistas refletindo sobre o tema “somos todos estrangeiros”, respondendo assim diretamente à tema da Biennale Arte 2024 *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*.

'**Greenhouse**' desenvolve também um programa público com a criação de assembleias com curadores, artistas e investigadores convidados de Angola, Estados Unidos, República do Benim, Brasil, Cabo Verde, Chile, França, Nigéria e Arábia Saudita, fomentando o pensamento crítico através da participação e interação coletiva.

A Representação Oficial Portuguesa é comissariada pela Direção-Geral das Artes (DGARTES).

INFORMAÇÕES

Assessoria de imprensa em Portugal:

Rita Bonifácio
greenhouse.press2024@gmail.com
+351 918453750

O Pavilhão estará patente ao público de 20 de abril a 24 de novembro 2024, terça a domingo das 10h às 18h

Palazzo Franchetti
San Marco 2847 – 30124 Venezia, Itália

Artistas-curadoras: Mónica de Miranda, Sónia Vaz Borges and Vânia Gala

Organização: Ministry of Culture of Portugal

Comissariado: Américo Rodrigues,
Direcção-Geral das Artes (DGARTES)

WEBSITE: www.greenhouse2024.com
Instagram: @greenhouse_2024

Sobre Mónica de Miranda

Mónica de Miranda é uma artista visual, cineasta e investigadora portuguesa de ascendência angolana, cuja prática interdisciplinar examina a convergência de política, género, memória, espaço e história. Mónica investiga estratégias de resistência, geografias de afeto, contação de histórias e ecologias de cuidado. É fundadora do Hangar, um centro de arte e investigação em Lisboa, onde artistas, curadores e investigadores, principalmente do sul global, podem co-criar e construir redes.

O seu trabalho tem sido apresentado em grandes eventos internacionais como: Colomboscope – Festival de Arte Contemporânea 2024; 6ª Bienal de Lubumbashi; 12ª Bienal de Berlim; 12ª Bienal de Dakar; 5ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Casablanca; Encontros de Bamako – 13ª Bienal Africana de Fotografia; 14ª Bienal de Arquitetura de Veneza; BIENALSUR 2021; Houston FotoFest 2022; 18ª Fotografia Europeia, 2022; Festival de Fotografia de Adis 2016; Bienal São Tomé 2013. Exposições individuais e coletivas selecionadas incluem: CAIXA Cultural; Gulbenkian; MUCEM; Museu África; MAAT; MUAC; Barbacã; Autógrafo; Museu de Uppsala; MNAC; Instituto Camões, Luanda, entre outros. Ganhou o Prémio Idealista de Arte Contemporânea em 2023 e recebeu a Bolsa Soros Arts 2023 - Arte, Terra e Memória Pública, bem como a Bolsa de Fotografia Exposta 2024.

Sobre Sónia Vaz Borges

Sónia Vaz Borges, portuguesa, define-se como Historiadora Interdisciplinar Militante. Doutorou-se em História da Educação pela Humboldt-Universität zu Berlin (HU) e é autora do livro, *Militant Education, Liberation Struggle, Consciousness: The PAIGC education in Guinea Bissau 1963–1978* (2019). Como resultado da sua pesquisa, Vaz Borges foi coautora dos curtas-metragens *Navigating the Pilot School* (2016) e *Mangrove School* (2022) e co-editou o número 49 da revista *The Funambulist. Politics of Space and Bodies* com o título *Schools of the Revolution. Radical Education and Pedagogies Around the World* (2023). O seu coautorado livro *Ragás Because the sea has no place to grab* deverá ser lançado em junho de 2024 em junho de 2024.

O seu trabalho artístico académico, militante e artístico colaborativo tem sido apresentado internacionalmente, nomeadamente na Haus der Kulturen der Welt; Escola das Artes do Porto; Mbonji 67; Bienal de Coimbra; Hangar; The Funambulist; Trienal de Arquitetura de Sharjah; Cooper Union; Universidade de Harvard, entre outros. Vaz Borges, é atualmente professora assistente na Universidade de Drexel em Filadélfia, no departamento de História e Africana Studies.

Sobre Vânia Gala

Vânia Gala é uma coreógrafa e investigadora portuguesa. Os seus interesses residem em práticas experimentais com ênfase em noções de recusa, pensamento coreográfico, fugitividade, improvisação(ões), (não) performances negras, negociação, dissenso, hospitalidade e valor. Colaborações como dançarina incluíram a companhia belga Les Ballets C. de la B, Constanza Macras, DIN A 13 e a Companhia B. Valiente. Como coreógrafa colaborou com os artistas contemporâneos Sonia Boyce, Harold Offeh e Teatro GRIOT. Trabalhos performativos recentes incluem *Give & Take* (Tate Modern) e *Mesa para Práticas de Pernas para o Ar* (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa). Em 2019 foi galardoada com o prémio de Melhor Coreografia pelo Guia de Teatro (Portugal). Em 2005 recebeu o prémio de Melhor Performance Feminina no Dublin Fringe. Fez parte do Aerowaves (Londres) e da Trienal de Luanda.

Gala é co-convocadora do grupo de Teatro, Performance e Filosofia da Associação de Investigação em Teatro e Performance.